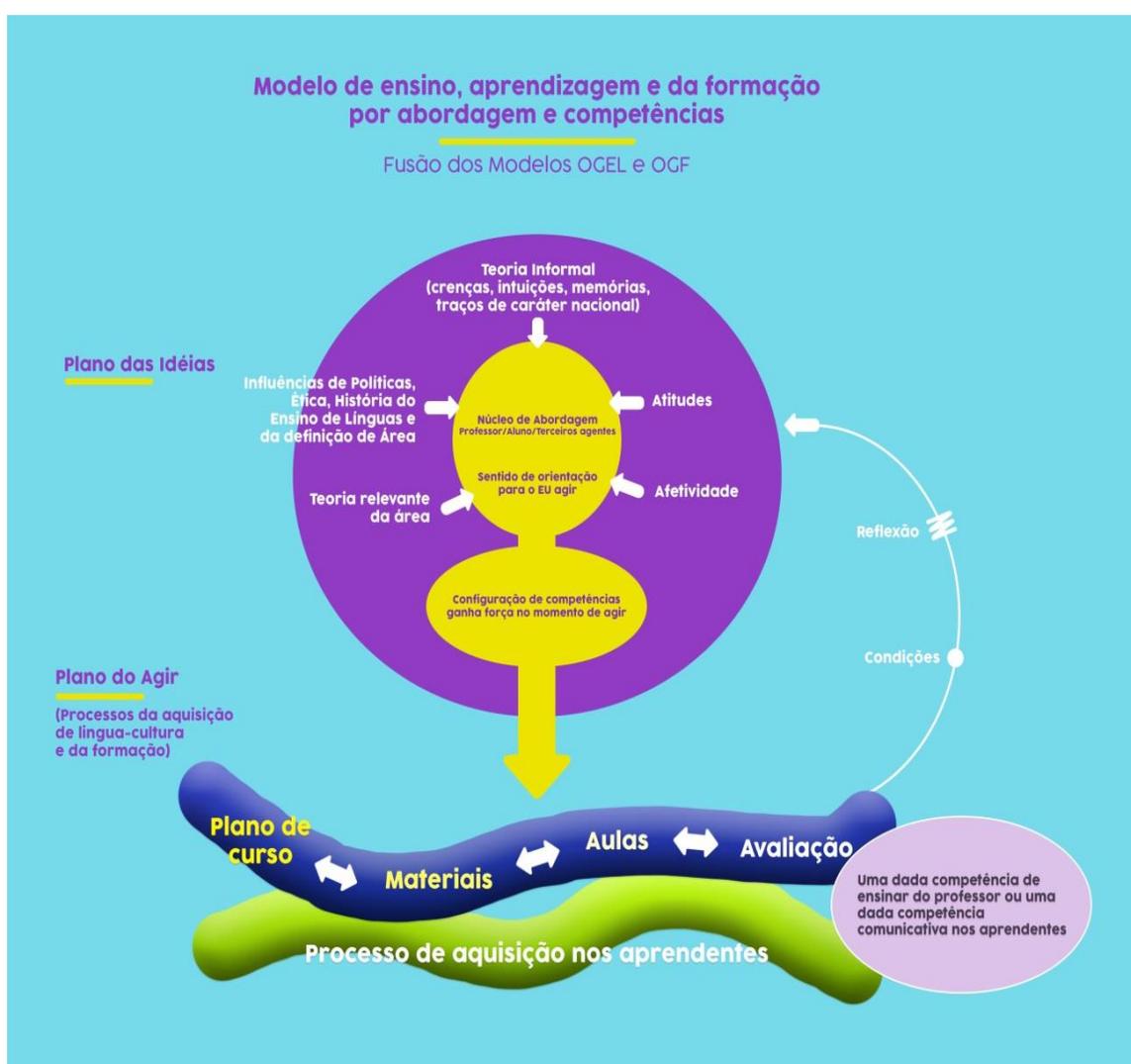


Modelo de ensino, aprendizagem e da formação por abordagem e competências

José Carlos Paes de Almeida Filho¹

Marielly Faria²

Esta é uma descrição do funcionamento do modelo global de ensino, aprendizagem e da formação (Modelo GEAF) por abordagem e competências, elaborado por Almeida Filho (2019) para ilustrar as categorias, relações e o fluxo na organização dos elementos que estão em evidência e de outros não explicitados no modelo oferecido a seguir.



¹ Professor Doutor e pesquisador junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Brasília – UnB.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias, pela Universidade Estadual de Goiás, Campus de Ciências Sócio-Econômicas e Humanas, Anápolis-GO. Bolsista Fapeg.
E-mail:mariellyps@gmail.com

Visando a obter uma compreensão mais global dos processos de ensinar e de adquirir línguas, e da formação de agentes, trazemos neste artigo o referido modelo resultante dos trabalhos na disciplina Abordagens de Ensino de Línguas, ofertada no Período do Verão de 2019 (janeiro), para mostrar a síntese de dois modelos separados criados anteriormente por Almeida Filho, um em 1993, a Operação Global do Ensino de Línguas (OGEL) e o outro em 2016, a Operação Global da Formação (OGF). Neste trabalho, tanto o processo de ensinar e de aprender línguas como o processo da formação para tal podem ser rastreados no mesmo novo modelo GEAF sintetizador dos dois anteriores.

Pressupondo que haja um impulso que antecede os três processos, surge, então, uma abordagem, ou seja, o sentido de orientação para agir numa dada situação de ensino e aprendizagem ou da formação. Conforme a imagem, está indicado que, primeiramente, formar-se-á um núcleo da abordagem influenciado pelos seguintes elementos:

1. teoria informal da vida pregressa (crenças, intuições, memórias e traços de caráter nacional);
2. influências da história e das políticas de ensino de línguas no país, da ética profissional e da natureza de área (ensino de línguas na perspectiva da área aplicada da linguagem);
3. uma teoria relevante de área (reconhecida por nós como a Área de Ensino de Línguas)

Além dessas três categorias de forças incidentes na abordagem, para todos os casos, acrescentam-se as atitudes e a afetividade que acompanham a ação dos agentes e criam um sentido de orientação para um eu agir (professor, aluno ou terceiros agentes) crescentemente profissional. Juntamente com uma dada configuração ou combinação de competências que emprestam força para esse momento de agir, a orientação passa para a esfera aplicada, para que um ou mais agentes se mobilize, ou para atingir uma competência comunicativa nos aprendentes e/ou para haver mudança de ação dos agentes, ou seja, se o agente for o professor, a ação reverbera na capacidade de ensinar, se o agente for o aprendiz, no processo de aquisição da nova língua.

Por isso o modelo é sintético. Ele ilustra o plano das ideias e o plano do agir nos 3 processos: de ensinar, de adquirir e da formação. O que faz um professor ensinar como ensina, é basicamente a sua abordagem e configuração de competências já desenvolvidas, que segundo Almeida Filho (1993), pode variar entre os polos do explícito/conhecido ou implícito/desconhecido por ele.

O conceito de abordagem é fundamental na descrição do como e na compreensão e explicação do porquê o professor atua como atua. Todos os professores quando entram em

suas salas de aula, ou quando atuam como profissionais, tanto antes, quanto depois das aulas, passam a agir orientados por uma dada abordagem, que se materializa na Operação Global do Ensino de Línguas (OGEL) por conta das competências disponíveis. Podemos afirmar que a abordagem de ensinar orienta todas as ações da Operação Global do Ensino de Línguas (OGEL), modelo organizado de forma articulada por Almeida Filho (1993), a partir do modelo de Anthony (1963). O Modelo OGEL possui quatro dimensões práticas, todas elas ordenadas da esquerda para a direita, numa sequência de fases: o planejamento das aulas; a seleção ou produção do material didático; as experiências na, com e sobre a língua-alvo realizadas com os alunos dentro e fora de sala; a avaliação de rendimento e proficiência na L alvo até o momento.

Todas essas dimensões estão intrinsecamente relacionadas umas com as outras e simultaneamente influenciadas por uma dada abordagem, que pode ser a de ensinar e aprender línguas, ou a da formação. Estruturalmente, uma abordagem de ensino e aprendizagem equivale a um conjunto de disposições, conhecimentos, crenças, pressupostos e, eventuais candidatos a princípios sobre o que é linguagem, o que é uma nova língua, ou língua estrangeira, o que é ensinar a aprender essa língua, concepções sobre sala de aula, os papéis dos agentes envolvidos e os aspectos afetivos de ambos e entre ambos.

No tocante à formação, a abordagem se refere antes ao conceito da própria formação e de tornar-se professor de línguas. A abordagem que orienta equivale a uma filosofia de trabalho do professor, que é, na base, subjetiva e individual, a qual podemos denominar de microabordagem de ensinar do professor. Essa microabordagem pessoal, no ensino contemporâneo de línguas, é muitas vezes influenciada por duas macroabordagens coexistentes: a Abordagem Gramatical e a Abordagem Comunicativa. A Abordagem Gramatical tem longa tradição na história do ensino de línguas e é constituída, basicamente, pela percepção de língua como estrutura, sistema de regras e pela relação verticalizada entre professor e aluno, em que o professor explica, corrige e faz praticar num movimento vertical. Já a Abordagem Comunicativa prioriza o processo da aquisição sobre o do aprendizado consciente e monitorado da língua-alvo e considera categorias semânticas como as mais relevantes para a construção da interação como: funções comunicativas, temas e tópicos, eventos sociais e gêneros discursivos, não cabendo uma relação professor-aluno, que se caracteriza como transmissora de conteúdos da forma (de passar a matéria), como é estabelecida na Abordagem Gramatical.

Portanto, na Abordagem Comunicativa, as atividades que envolvem a construção de sentidos (funções e gêneros no tratamento de temas e seus tópicos, etc...) e de experiências em comunicação sobrepõem-se à explicação, à prática controlada e reforçadora da forma. O

professor coordena grupos que interagem simultaneamente entre si para a prática e avaliação da competência comunicativa dos alunos. Em relação ao processo da formação, o núcleo da abordagem prevê um eu, que pode ser de um lado um professor em formação que quer tornar-se um profissional melhor ou um professor formador e de outro lado, um aprendiz ou terceiros agentes.

As macroabordagens que distinguem modelos com os quais pode ser conduzida a Formação são: (1) Abordagem de estudo e treinamento de métodos; e (2) Abordagem reflexiva. Outras abordagens de fora da área poderiam eventualmente surgir e, nesse caso, o estudo das abordagens rivais de uma Abordagem da Formação seria crucial para o desenvolvimento do processo. As características de uma abordagem de ensino na vida real, podem ainda representar uma certa instabilidade, com retornos à abordagem anterior, e também podem refletir tensões com as outras forças potenciais de outros agentes envolvidos na situação, como a abordagem de aprender do aluno, a abordagem de ensino que permeia o material didático adotado e os valores desejados pela comunidade escolar no contexto, como as visões da própria instituição, do diretor, de outros professores, de pais e de alunos, que também são alimentadas por crenças.

Tendo sido constituída uma abordagem vigente, o professor necessita ainda da mobilização de forças para a sua execução. Essas forças serão provenientes de uma configuração específica das cinco competências que possam estar disponíveis num dado momento. As concepções de linguagem, de aprender e ensinar uma língua-alvo são fundamentais para a definição da abordagem vigente dos professores, que se acopla ao perfil de competências que imprime força à abordagem para exercerem a capacidade de uso apropriado da língua ou de ação profissional no ensino e na aprendizagem de idioma. A descrição das competências por Almeida Filho (1993) traz cinco competências gerais de ensinar que possuem uma certa ordem de precedência, uma organização interna e que combinando-se, viabilizam forças crescentes para que o professor possa atuar ensinando e talvez até melhor, dependendo das circunstâncias: a capacidade do professor em interagir na língua-alvo com o propósito de se situar socialmente nessa língua, chamada de competência comunicativa; a do professor que pode ser de natureza espontânea, informal, chamada de competência implícita; a de natureza formal oriundas possivelmente de uma área disciplinar, baseada nas teorias formais do ensino e aprendizagem de línguas, denominada competência teórica; a aplicada ou transformada que partiu de uma Teoria relevante, fez interface com teorias informais de dentro dos professores e que gerou mudanças na ação do professor. Para que esse movimento de mudança aconteça, é preciso contar com a ação avaliadora de uma competência macro denominada profissional.

A teoria que gera uma síntese benigna de conhecimentos informais com conhecimentos relevantes de base formal poderá, então, abrir um caminho de revitalização, de crescimento da sua teoria espontânea. Também é imprescindível para uma ação efetiva, assim como a sua capacidade de refletir de forma contínua e sistemática sobre suas ações cotidianas e sobre o “ser professor”, a competência profissional, que possui ascendência sobre as demais. A abordagem vigente buscará apoio numa configuração de competências disponível ao professor. A abordagem de todo professor com um dado arranjo de competências garantem certas qualidades de ensinar, que poderão ser reconhecidas pelo próprios professores interessados, por pesquisadores ou por supervisores, mediante o procedimento de análise de abordagem.

Retomando o fluxo da abordagem à qual já foram acopladas as competências, o professor está apto para o processo de ensinar efetivamente uma língua. Esse processo de ensinar, conforme poderá ser observado na representação acima, uma vez iniciado, convida imediatamente o processo de aquisição que passa a funcionar em paralelo, mas com pontos de contato entre ambos. Para a sua trajetória completa o eu observa os resultados, avalia-os, considera as condições vigentes e retorna ao núcleo da abordagem para que um novo ciclo se estabeleça com eventuais mudanças ou que permaneça em seu estado presente ante resultados considerados acertados.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA FILHO, J. C. P. Dimensões comunicativas no ensino de línguas. Campinas, SP – Pontes 1993.

ALMEIDA FILHO, J. C. P. As Competências no Modelo da Operação Global de Formação. In: Almeida Filho, J. C. P. (org.). As Competências por Dentro: estrutura e funcionamento das competências de professores e aprendizes de línguas, Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

ANTHONY, E.M. Approach, Method and Technique. English Language Teaching, vol.17, 1963.